



HERMENÊUTICA FEMINISTA EM MOVIMENTO: DISSIDÊNCIAS E CONSONÂNCIAS ACERCA DA MEMÓRIA, LUTO E ESCRITA DE SI COM NÍSIA E MARIA FIRMINA

FEMINIST HERMENEUTICS IN MOTION: DISSIDENCES AND CONSONANCES
REGARDING MEMORY, MOURNING, AND SELF-WRITING WITH NÍSIA AND MARIA
FIRMINA

Edla Eggert*

Beatriz Berr Elias**

Francielle Fernandes da Silva***

Resumo: Esse artigo é um ensaio hermenêutico que tem por base recortes da história de vida de duas mulheres, uma branca e uma negra, Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, professoras que o Brasil produziu no século XIX. Insere-se nos estudos feministas com acento no recorte interpretativo de teólogas que introduziram a hermenêutica feminista bíblica. Buscamos fazer uma adaptação das leituras das biblistas e transpomos esse modo de interpretar para textos da área da Educação. Apresentamos em um breve recorrido as duas autoras professoras em suas trajetórias de gênero, classe e raça. E, por meio da hermenêutica feminista, buscamos entrelaçar aspectos sobre a forma distinta como cada uma viveu e escreveu as suas dores de luto nas perdas de pessoas queridas.

Palavras-chave: Hermenêutica feminista. História de professoras. Autorias criativas. Imaginação.

* Pós-doutora em estudos feministas pela Universidade Nacional de La Plata, AR (CAPES/2023) e pela UAM-Xochimilco, Mx (CNPq/2014). Doutora em Teologia pela Faculdade EST e Mestra em Educação pela UFRGS. Pesquisadora 1B do CNPq. Professora na Escola de Humanidades da PUCRS. E-mail: edla.eggert@gmail.com

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da PUCRS com bolsa CAPES. Mestra em educação e licenciada em História pela PUCRS. Professora de História no Ensino Médio na rede privada em Porto Alegre, e como pesquisadora em pedagogias feministas, antirracistas e decoloniais. E-mail: beatrizberr@gmail.com

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, Licenciada em História pela PUCRS com especialização em Coordenação Pedagógica e em História e Cultura Afro-Brasileira. Professora de Filosofia na educação básica da rede privada em Porto Alegre. E-mail: minnifran18@gmail.com



Abstract: This article is a hermeneutic essay based on excerpts from the life stories of two women, one white and one black, Nísia Floresta and Maria Firmina dos Reis, teachers that Brazil produced in the 19th century. It is part of feminist studies with an emphasis on the interpretative approach of theologians who introduced biblical feminist hermeneutics. We seek to adapt the readings of the biblical scholars and transpose this way of interpreting to texts in the field of Education. We present in a brief overview the two authors who are teachers and their trajectories of gender, class and race. And, through feminist hermeneutics, we seek to intertwine aspects of the distinct way in which each one lived and wrote about their grief in the loss of loved ones.

Keywords: Feminist hermeneutics. History of teachers. Creative authorship. Imagination.

PALAVRAS INICIAIS

Esse artigo é composto por entrelaçamentos inspirados em pesquisas que temos produzido por meio do estudo de textos publicados por duas autoras brasileiras do século XIX, Nísia Floresta (1810-1885) e Maria Firmina dos Reis (1822 e 1825 - 1917)¹.

Buscamos refletir sobre a articulação entre a hermenêutica feminista como preparadora de conceitos que estão em processo² e, simultaneamente ensaiamos a consequência da hermenêutica feminista ensinada por teólogas como Elisabeth Schüssler-Fiorenza³ e desdobrada na área das ciências humanas, mais especificamente na área da Educação, como forma de pensar criticamente a releitura do conhecimento histórico para que histórias e textos de mulheres possam ser retomadas, estudadas e reconhecidas em nossas atividades tanto no Ensino Superior quanto na Educação Básica⁴.

¹ Duas pesquisas de Eggert com financiamento de Editais do CNPq/Bolsas Produtividade: Edital 2018 e Edital 2022; a segunda autora Berr Elias, tem a dissertação concluída no PPGEdu PUCRS/2025, com bolsa CNPq e atual Doutorado/2025, com bolsa CAPES-Taxa; a terceira Fernandes, é mestranda/2025 que pesquisa a lei nº 14.986/2024, que inclui na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a LDB/1996, a obrigatoriedade do ensino sobre as contribuições das mulheres na história e cultura brasileira e mundial, com bolsa CAPES-Taxa. Essas bolsas financiam esses projetos, portanto, também a produção deste artigo.

² Beatriz Berr Elias (2025) tem estudado e formulado o conceito de “ancoragem” para fundamentar potências didático-pedagógicas dos estudos feministas para auxiliar a desconstruir a longa tradição colonial patriarcal no ensino de história na educação básica. Nesse artigo o foco será outro, embora já apareçam alguns aspectos do que essa autora ensaia.

³ SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992. SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Trad. Monika Otterman. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

⁴ A Lei nº 14.986/2024, inclui a obrigatoriedade do ensino sobre as contribuições das mulheres na história e cultura brasileira e mundial, valorizando mulheres que fizeram História na escola.



Em artigo publicado há 26 anos por Eggert (1999) na revista Estudos Leopoldenses, hoje Revista Educação Unisinos, ficou registrado um convite para que textos clássicos da área da Educação fossem retomados e interpretados à luz da propositura hermenêutica apresentada por teólogas produtoras da hermenêutica feminista, desde a segunda metade do século XX. Esse artigo é um passo a mais entre outros textos já publicados em que temos buscado seguir a proposta de trazer elementos históricos de vida de mulheres sempre ainda desconhecidas e simultaneamente exercitar hermenêuticas distintas das que nos foram ofertadas pelos cânones filosóficos e teológicos. E por nos implicar de ensinar conhecimento histórico tendo a consciência de que as mulheres ainda seguem invisibilizadas frente a esse conhecimento ensinado em sala de aula, buscamos em Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis evocar esse exercício provocativo de situar recortes de seus escritos. Não sem antes explicar um pouco nossos atuais entendimentos da hermenêutica que nos move.

A HERMENÊUTICA RELIDA POR FEMINISTAS

Foram os movimentos políticos das mulheres de diferentes segmentos de classe, gênero/sexualidade/raça e espaços distintos, que fomentaram a presença de estudiosas na academia e produziram exercícios hermenêuticos de reler textos bíblicos e/ou textos filosóficos com chaves de leituras críticas buscando questionar a naturalização da obediência, da invisibilidade e da violência para com as mulheres nos textos sagrados e clássicos da filosofia.

Temos buscado na hermenêutica, herança da produção filosófica⁵ e teológica patriarcal, produzir um giro epistemológico daquilo que aprendemos sobre a interpretação com autoras feministas, através da experiência das mulheres e na crítica

⁵ Um dos autores que estudamos foi Paul Ricoeur (1913-2025) que produziu sua hermenêutica com base nos estudos da semiologia estruturalista, da psicanálise e da análise marxista apresentados em seu livro, "O conflito das interpretações" (1978). Seus estudos nos inspiram na percepção sobre como é possível, nós mulheres de hoje permeadas pela herança desse tipo de reflexão, reelaborarmos a hermenêutica que homens como ele produziram em seu tempo. Em 2025, seguimos adiante, pelas mãos de autoras pós-androcêntricas. Buscamos elementos da hermenêutica "ricoeriana" que nos foi entregue para a construção de nossas interpretações junto às leituras feministas que convidam para o exercício das suspeitas em nossas leituras de textos e mundos. Na tese de Eggert (1998), Ricoeur, foi recurso para seguir a diante a partir do seu livro *Do texto à ação* (1989), os passos de "rememorar, repetir e elaborar" recuperado desde argumentos de Sigmund Freud. Eggert leva essa hermenêutica para as feministas e teorizações de Suely Rolnik que produziu sua tese de doutorado na Psicologia Social sobre as cartografias sentimentais de mulheres na São Paulo da década de 1980. Ver: ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.



aos paradigmas androcêntricos historicamente dominantes na produção e interpretação do conhecimento. Autoras como Elisabeth Schüssler-Fiorenza (1938-), Ivone Gebara (1944-), Wanda Deifelt (1963-), Maricel Mena-Lopez (1967-), Marilu Rojas Salazar (1969-), Angela Davis (1944-) e Lélia Gonzalez (1935-1994) contribuem para teologizar, historiar, filosofar e educar, repensando nossos caminhos interpretativos com a presença das mulheres. Esse questionamento tem sido chamado de giro epistemológico, e é consequência das pressões políticas que os movimentos sociais da década de 1960 produziram em todo o mundo. No Brasil⁶ e na América Latina o movimento feminista veio junto com a Teologia da Libertação e a Educação Popular, permeado por resistências nas diferentes ditaduras militares vividas a partir da década de 1960⁷.

As teólogas Elisabeth Schüssler-Fiorenza; Ivone Gebara, Wanda Deifelt, Maricel Mena Lopez, são inspiração para compreender a importância dos estudos nesse campo da Teologia, em nosso caso da teologia cristã. *Kyrie* é palavra grega que significa, senhor. O kyriarcado/senhorio é questionado e confrontado pelas teólogas feministas desde a década de 1960, possibilitando reconhecer as experiências das mulheres. O kyriarcado/senhorio é definido pela teóloga Schüssler-Fiorenza, como o poder do senhor, poder masculino dos homens sobre as mulheres e tudo que lembre o feminino. Schüssler-Fiorenza possui vasta produção reflexiva em que discute o poder androcêntrico na leitura da bíblia. Três livros foram traduzidos para o português, “As origens cristãs a partir da mulher”, “Caminhos da sabedoria” e “Discipulado de Iguais”⁸.

⁶ ‘Centros formadores de padres e pastores(as) conviveram com inúmeras experiências que desafiaram o estudo teológico desde a base, por meio de diferentes contextos. Ver p.ex. o processo de introdução dos estudos feministas por meio de uma cátedra de Teologia Feminista na formação teológica luterana, de autoria de MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

⁷ Suspeitamos que a reação a esses movimentos desde a década de 1960 obteve fortes pressões do poder conservador que se sentiu confrontado/ameaçado e que no século XXI, ao longo desses 60 anos, a confrontação se acirrou devido à constatação desse poder patriarcal ter percebido a consequência da tomada de consciência de mulheres, mulheres não brancas, homens que não seguem o padrão de poder heteronormativo, ou seja, aquilo a autora María Antonia García de León, diagnostica em seu livro, como sendo a revanche violenta do poder patriarcal em todos os seguimentos. Cf. LEÓN, María Antonia García de. *Cabeza Moderna/Corazón Patriarcal: un diagnóstico social de género*. Prólogo de Celia Amorós. Madrid: Editorial Anthropos, 2011.

⁸ Em capítulo de livro publicado em 2020, Edla Eggert, analisa a tradução de um dos livros da teóloga Elisabeth Schüssler-Fiorenza, o primeiro que introduz aspectos centrais da hermenêutica feminista publicado no Brasil, *As origens cristãs a partir da mulher*, que na verdade possui outro título na língua original, “Em memória dela”. Cf. EGGERT, Edla. Maria Madalena e a Teologia Feminista na busca da Memória da Tradição/Tradução de nós mesmas. In: SOUSA, Renata Floriano de; VICENTE, Valdemir de Souza; EGGERT, Edla. (Orgs.). *Maria Madalena: múltiplas representações*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020. p. 77-90.



A autora afirma que a melhor maneira de entender métodos interpretativos feministas é considerá-los caminhos para comprometer-se no processo e movimento de conscientização: “Na sociedade androcêntrica a teologia que se desenvolveu destaca o mérito sempre a Jesus e a reafirmação dessa narrativa patriarcal que destaca somente o papel do homem”⁹.

Estudar outras chaves hermenêuticas é um investimento que exige tempo de médio e longo tempo, pois implica em mudar a cultura acadêmica e escolar vigente. Suspeitamos que somente quando os estudos feministas e de gênero permearem homogeneamente os estudos acadêmicos é que teremos condições de ensinar de maneira equitativa nas escolas de Educação Básica.

Nesse contexto é pertinente uma reflexão histórica e filosófica a fim de problematizar o fazer pedagógico que, na sua grande maioria, se constitui feminina, mas se trata numa linguagem acusadoramente masculina e mantém nos cargos liderança/poder uma ‘minoridade’ que a subjuga. [...] Precisamos adquirir subsídios para o ensino na Pedagogia numa abordagem crítica e criativa em sala de aula.¹⁰

A apropriação que algumas teóricas exegetas fizeram a hermenêutica acontecer de modo mais intenso e sistemático a partir da segunda metade do século XX graças aos movimentos sociais iniciados no século XIX. Ao fim ao cabo, o exercício de estudar sistematicamente e por meio da educação formal e tomar lugares na existência do pensar fazer das mulheres de hoje para alguns, ameaça e para outros parceria para outro mundo viável¹¹.

Assim, a hermenêutica produzida por meio dos estudos feministas é um exercício de compreender textos buscando entender por diversas fontes históricas e olhares interdisciplinares a condição de vida daquelas que ficaram à margem da história. É desse modo que outras interpretações podem ser produzidas e novas epistemologias e teorias apresentadas quando tomamos o estudo da história e temos consciência da presença das mulheres.

⁹ DONEDA, Perla Cabral Duarte; CARNEIRO, Marcelo da Silva. Bodas de caná: ensaio em perspectiva teológica feminista e de gênero. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 30-48, jul./dez. 2023. p. 42.

¹⁰ Cf. EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. *Revista Estudos Leopoldenses* (atual Educação Unisinos), Série Educação, v. 3, n. 5, p. 19-27, 1999. p. 26.

¹¹ Recentemente no Brasil foi aprovada a Lei nº 14.986/2024, que inclui na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a LDB/1996. Esse tema será objeto de pesquisa da terceira autora no seu mestrado iniciado em 2025.



A suspeita constitui-se como movimento basilar nesse processo. (Re)colocando a própria pesquisa em movimento e apresentando brechas que ficaram no silenciamento ou esquecimento. E a experiência é fundante na constituição da crítica feita pelas novas intérpretes de textos antigos, remexidos no “baú” dos conhecimentos. A hermenêutica feminista assume que o estudo de um texto requer um exercício de suspeita e tem a consciência de que a experiência da vida das mulheres é o referente que dá subsídios para que um texto se faça sempre por meio do contexto vivido.

Elisabeth Schüssler-Fiorenza introduziu no caminho da interpretação de textos bíblicos, a compreensão de que a análise feminista não é realizada com base em uma experiência “individualizada e privatizada, mas com reflexão crítica sobre como um texto bíblico é condicionado por nosso lugar sociopolítico.”¹² Ao reler textos de mulheres vinculadas à área da Educação, fazemos a transposição do que essa teóloga biblista propôs adaptando aos textos das autoras Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis requer que situamos historicamente essas duas professoras focando no exercício de interpretar seus textos situando o lugar sociopolítico e histórico produtor da pedagogia insurgente que suspeitamos encontrar nos vestígios deixados por elas.

Nísia e Maria Firmina são brasileiras, ambas professoras envolvidas em lutas do seu tempo. Pontos que demarcam suas experiências de vida numa relação de amor com a escrita. E o amor é, nesse caso, uma categoria de ação proposta por bell hooks ao invés de sentimento, em uma forma de fazer com que qualquer pessoa que use a palavra amor tão automaticamente para o sentir, assuma responsabilidade e comprometimento para o fazer. “[...] Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor — partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor.”¹³ Ao que nos parece a escrita para Maria Firmina e Nísia cumpriu um papel de criar rotas que delineavam outros mundos. Suas escritas podem ser consideradas autobiográficas e foram uma espécie de formação de um corpo livre, desejante por meio das palavras.

Ao estudarmos Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, nas suas narrativas vinculadas aos recortes de “Itinerários de uma viagem a Alemanha” (Floresta, 1857) e

¹² SCHÜSSLER-FIORENZA, 2009, p. 193.

¹³ HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. Ed. Tadeu Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2021. p. 49.



do “Álbum” (Reis, 1853-1870) e de alguns poemas, respectivamente, queremos propor nosso ensaio hermenêutico tomando seus relatos sobre a dor do luto. Diferentemente do que observamos em artigos já disponíveis sobre suas histórias bem como, seus modos de escrita e suas visões de mundo, as “Cartas de Itinerários” e o texto íntimo de “Álbum”, nos desafiam a pensar detalhes das vidas dessas duas mulheres que, por meio desses textos nos colocam possibilidades para pensar diferenças de classe e raça frente às experiências de luto vividas por elas.

Compreendemos que a articulação entre o campo teórico-metodológico autobiográfico e a perspectiva epistemológica feminista possibilita o desenvolvimento de estudos ancorados na hermenêutica feminista. Partimos do entendimento que, nas pesquisas autobiográficas feministas a narrativa sobre as experiências das mulheres constitui-se matéria de investigação, teorização e análise.

NÍSIA FLORESTA

Nísia adotou um pseudônimo cheio de significados para sua vida – Nísia Floresta Brasileira Augusta, vamos chamá-la somente de Nísia Floresta. Um nome pensado como forma de passar mensagens ao mundo e deixar marcas¹⁴. Nasceu em 1810 em Papari, interior do Rio Grande do Norte. Situada no século XIX, viveu em um contexto onde as “bem-nascidas”¹⁵, como era seu caso, tinham a possibilidade de acesso à educação no âmbito privado para meninas e mulheres. Aprender línguas era um dos conteúdos acessíveis para elas. De família com posses, que ela soube administrá-las, o que viabilizou entre outras coisas, as experiências de ser viajante. Primeiramente em seu próprio país e, depois, no além-mar. Em seu país com base nos registros que temos

¹⁴ Seguiremos o uso do seu pseudônimo, sabedoras de que sobre seu nome de batismo era Dionísia Gonçalves Pinto. E a literatura já explorou sob diversos aspectos a estratégia dessa autora em substituir o nome de batismo. Cf. DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010; e FREITAS, Maria Helena de Almeida. Prefácio. In: FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 9-14.

¹⁵ Constância Duarte foi a pesquisadora que apresentou Nísia Floresta ao Brasil do século XX, a ela devemos um rol de pessoas formadas que seguem junto com ela, pesquisando mulheres do século XIX, entre elas Nísia Floresta. Cf. DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1995. Duarte sinaliza que a família tanto paterna, quanto materna de Nísia possuíam posses. Com base nos indícios historiográficos, Duarte afirma que o pai de Nísia era defensor de pessoas que sofriam injustiças e é muito provável que por esse motivo, tenha sofrido a emboscada em que foi assassinado nos arredores de Recife no ano de 1828. Ver também a boa sistematização da história de Nísia publicada por CAMPOI, Isabel Candeloro. O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 196-213, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>.



foram: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, e na Europa passou pela Alemanha, Grécia, Portugal, Itália e, morreu na França em 1885 aos 75 anos. Nísia fez da sua vida um campo de descobertas e sonhou abrir espaços para que outras mulheres também pudessem estudar, ler, criar, viajar, conhecer, sonhar e transformar o mundo.

Nesse contexto, como apontam Heleieth Saffioti e Gerda Lerner¹⁶, a educação para as mulheres, quando era alcançada por elas, foi muito mais do que aprender o uso das agulhas como instrução. Compreender a inserção de Nísia no campo intelectual, suas alianças, suas obras, suas viagens é percebê-la desbravadora e disruptiva.

Suas obras – entre livros, artigos em jornais, poemas, autobiografias e cartas, demonstram uma série de pautas que, através da escrita questionavam as injustiças que via no mundo. Reivindicava os direitos das mulheres e meninas a instrução intelectual¹⁷, denunciava em seus poemas e artigos a revistas e jornais as violências do império com os indígenas¹⁸ e articulava-se na pauta abolicionista¹⁹. No total, Nísia escreveu quinze obras e em diversas línguas – português, francês, inglês e italiano. Em todos seus textos, o fio condutor era a transformação social e as viagens que fazia sempre eram um ponto de comparação para enxergar o mundo de outra forma e reivindicar outras realidades para os grupos minoritários de sua terra natal e, principalmente, para as mulheres.

Nísia Floresta ainda é uma autora pouco estudada, não tendo sido incorporada ao cânone da literatura brasileira nem ocupando lugar de destaque no campo educacional seja nos livros didáticos, seja na presença historiográfica da Pedagogia. Nos últimos anos, no entanto, tem havido um crescimento nas pesquisas que reconhecem sua produção intelectual como um conjunto denso e complexo de saberes. Esse movimento de valorização tem sido conduzido, em grande parte, pela área de Letras.

¹⁶ Cf. SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013; LERNER, Gerda. *A criação da consciência feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal*. Trad. Luiza Sella. São Paulo: Cultrix, 2022. As duas autoras nos ajudam a constatar que tanto no Brasil, como no mundo todo, as mulheres sempre buscaram a educação como forma de acesso ao conhecimento, apesar dos homens.

¹⁷ Em diversas obras, Nísia reivindicou as questões da instrução das meninas e mulheres, contudo, a sua principal obra nesse campo foi publicada em 1832, intitulada como direito das mulheres e injustiça dos homens, fruto da tradução livre de *Vindications of the rights of woman* de Mary Wollstonecraft publicado em Londres no ano de 1792.

¹⁸ No poema de 1849, Lágrimas de Caeté, Nísia denuncia a violência do império com os povos indígenas.

¹⁹ Em 1854, Nísia publicou no jornal O Brasil Ilustrado o artigo “Páginas de uma vida obscura” denunciando as contradições do Império cristão ao manter os horrores da escravidão.



O ITINERÁRIO DE UMA VIAGEM À ALEMANHA – 1857, O LUTO EM TRAVESSIA

Esse livro, na forma de cartas e de diário, relata a viagem feita por Nísia Floresta com sua filha Livia pela “velha e poética Germânia”. Escrito em francês assim como os outros três livros que, segundo Lígia Fonseca Ferreira²⁰ sugere, foram registros das viagens ofertadas na língua francesa para seus familiares, que liam francês, em sua terra natal. A obra foi traduzida para o português apenas em 1982, e privilegia a subjetividade da autora e a forma como os lugares visitados lhe despertavam emoções profundas. Ao todo foram 34 cartas escritas quase diariamente durante cinco semanas visitando 23 cidades. Nísia se colocou no centro da narrativa, refletindo sobre si e sobre o mundo que a cercava.

A viagem aparece como um movimento não apenas geográfico, mas também emocional, espiritual e intelectual — um modo de elaborar o luto pela morte recente da mãe. No início da obra, Nísia explicita o motivo do deslocamento, marcado pela dor da perda e pelo desejo de apaziguamento. O tempo era o mês de agosto que segundo ela era o pior mês das suas memórias por ter sido nele que perdera o marido, o irmão e a mãe. E naquele ano 1856 fazia um ano da morte da sua querida mãe.

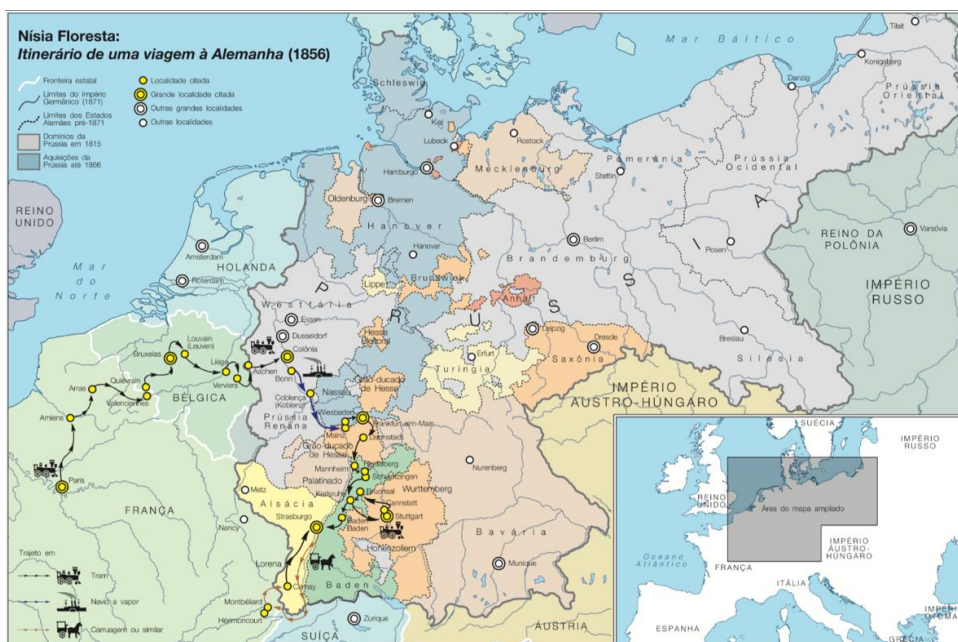
A escrita desse texto e a viagem em si, aparecem como tentativas de criar uma nova organização emocional e subjetiva. Viajar, segundo Floresta, sugeria que, ao conhecer outros países gerava nela, “[...] haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências.”²¹

²⁰ FERREIRA, Lígia Fonseca. Itinerário de uma viajante brasileira na Europa: Nísia Floresta (1810-1885). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 3, p. 22-44, nov. 2016. p. 26.

²¹ Cf. FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: EDUFRN, 1982 (1856). p. 37.



FIGURA 1 – Mapa das viagens do livro “Itinerários de uma viagem à Alemanha” (1856).



Fonte: LEHA – Laboratório de Estudos de História das Américas (USP).²²

O deslocamento pelo território europeu não se dissocia das memórias maternas, que acompanham Nísia como uma sombra contínua. Mesmo diante das novidades do percurso, o passado se impõe e reconfigura a sua percepção do presente:

O percurso de Paris a Valenciennes pareceu-me monótono e triste, certamente por causa da disposição de espírito em que me encontrava. A imagem adorada de minha mãe seguia-me na mesma velocidade em que eu rapidamente percorria novos países, em qualquer parte do mundo, ou no silêncio de meu apartamento. Em Paris, ajoelhada, diante do seu retrato, rezara durante alguns instantes, e meus últimos pensamentos haviam sido dirigidos a ela e a vocês. A prece foi íntima e ardorosa. Senti no coração que minha mãe aprovava a viagem.²³

É uma escrita atravessada por perdas, esperanças e reconstruções e, deslocamento físico permite certa abertura ao mundo, em que os marcos subjetivos da dor seguem presentes registrados, o texto que faz pensar. Os registros mostram como, mesmo imersa em paisagens novas, a autora se vê continuamente impelida a dialogar com suas emoções mais íntimas “Coragem, Força, Paisagem de Si – Deixamos Bruxelas esta manhã. O movimento e a fadiga eram-me necessários. Menos forte que corajosa,

²² LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nísia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/es/node/77>. Acesso em: 10 abr. 2024.

²³ FLORESTA, 1982, p. 39.



fiz longos passeios a pé[...]"²⁴ Os passeios a pé, eram segundo Constância Duarte, uma tradição dos viajantes que faziam de Nísia.

A consciência do lugar da mulher, a crítica à violência da história e a valorização do amor como horizonte de regeneração, demonstram que Nísia estrutura sua escrita como tentativa de diálogo com os vivos e os mortos, com o mundo e consigo mesma. Parece-nos que a escrita assume caráter terapêutico, organizando sentimentos, registrando afetos e reafirmando vínculos.

Passando de paisagem em paisagem, de ruína em ruína e de cidade em cidade, nesta poética Alemanha, contemplando suas magnificências naturais e artísticas, o espírito arrebatado pelo requinte da arte e pelos encantos da natureza ora risonha e garrida, ora austera e recatada, minh'alma se prosterna, cada dia, perante o gênio benfazejo que me inspirou a ideia de visitar essas terras e me deu coragem para executá-las.²⁵

Trata-se de uma escrita do coração, ancorada nas emoções e no desejo de comunicação com os seus queridos no Brasil, mas que hoje são lidas por nós. Constância Duarte, relembra que a Alemanha era o país imaginado como inspirador para viagens, inspirador da "sensibilidade e da filosofia", do espírito romântico, o país de Leibnitz e Kant²⁶.

As condições de classe dessa "matrona esclarecida"²⁷ possibilitaram que seu luto pudesse ser amenizado por meio de uma viagem. Em seus fragmentos encontramos a articulação de memórias, afetos e deslocamentos dando sentido à dor, que reconstroem permanências simbólicas elaboradas nessa narrativa íntima que reúne o político e o histórico, por meio de uma viagem que durou três anos. Somente uma pessoa de posses poderia fazer um empreendimento dessa envergadura. E para uma mulher branca acompanhada de sua filha, embora viajassem sozinhas, parece que foi um percurso sem nenhum atropelo, demonstrando desse modo que a questão de classe possibilitava o deslocamento.

²⁴ FLORESTA, 1982, p. 60-61.

²⁵ FLORESTA, 1982, p. 89.

²⁶ Cf. DUARTE, Constância Lima. Narrativas de viagem de Nísia Floresta. *Via Atlântica*, Belo Horizonte, n. 2, p. 58-75, 1999. p. 64.

²⁷ ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma "matrona esclarecida": contradições na Filosofia de Educação nisiana*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.



MARIA FIRMINA DOS REIS

O primeiro biógrafo de Maria Firmina foi Augusto Vitorino Sacramento Blake que publicou o Dicionário bibliográfico brasileiro. Segundo Blake Maria Firmina dos Reis era filha de Leonor Felippa dos Reis e João Pedro Esteves. O bibliógrafo e colecionador Horácio de Almeida é quem redescobre o romance “Ursula” de Firmina publicado pela primeira vez no ano de 1859, e “esquecido” por mais de 100 anos²⁸. Mas é o pesquisador José Nascimento Moraes Filho²⁹ que realiza buscas tanto nos acervos, quanto por meio de entrevistas com pessoas idosas que encontrou no estado do Maranhão e publicou a obra *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*, no ano de 1975. É nesse livro que encontramos a sistematização dos contos, romances, músicas, poemas e inclusive as páginas do diário da autora intitulado Álbum. E, finalmente no ano de 2022, teremos a publicação do livro produzido por um juiz de Direito do município de Guimarães, MA, que apresenta documentos inéditos para a biografia da autora, sendo o mais significativo sobre a data do seu nascimento³⁰.

Firmina, assinou com alguns pseudônimos como “Por uma Maranhense” ou “M.F.R”. Segundo Almeida e também Moraes Filho, essa utilização dos pseudônimos eram mais proteção da crítica do que modéstia. É possível afirmar que em sua produção literária, desde poemas, músicas, romances, criticou a sociedade patriarcal e escravista e fez da literatura uma via de denúncia das desigualdades que via na realidade.

²⁸ Ver: ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975. p. I-VIII.

²⁹ Segundo Marileia dos Santos Cruz, José do Nascimento Moraes Filho (1922-2009), já com a grafia do sobrenome alterada para Moraes, foi o quinto filho do professor e jornalista José do Nascimento Moraes (1882-1958) e era neto de homem liberto, Manoel do Nascimento Moraes, unido, sem o sacramento da Igreja Católica, com Catarina Maria Vitória, uma mulher escravizada. Tanto o filho como o pai, foram homens negros e que se destacaram nas letras no Maranhão. Cf. CRUZ, Marileia dos Santos. Erudição e racismo na trajetória ascendente de uma família negra do Maranhão. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 22, n. 1, p. e211, 01 jul. 2022. p.13. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e211>. É importante fazer esse destaque, pois Moraes Filho, será um denunciador do silenciamento da obra de Firmina na sociedade maranhense, e o artigo de Cruz, realiza um detalhado caminho sobre o que hoje chamamos de racismo estrutural.

³⁰ O juiz de Direito da Comarca de Guimarães, MA, Agenor Gomes, pesquisou desde o ano de 2018 a história de vida de Maria Firmina dos Reis e pôs fim numa controvérsia sobre a data oficial de Maria Firmina. Cf. GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2022. No ano de 2017, a pesquisadora Dilercy Adler encontrou um documento na Câmara Eclesiástica/Episcopal do Maranhão, que oficializa a data como sendo de 11 de março de 1822, nos Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis realizado em 25 de junho de 1845. Cf. ADLER, Dilercy. *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicence de Letras, 2017. Desse modo, várias publicações a partir dessa data conferiam o ano de 1822 como sendo o ano de nascimento de Maria Firmina, mas que a partir dos registros encontrados por Agenor Gomes, faz com que a data de 1825 retorne a ser a correta.



Para além da sua biografia básica, o que nos convoca ao encontro da escrita com Maria Firmina dos Reis é percebê-la potência para a história das mulheres hoje. Os longos períodos de apagamento que Maria e suas obras estiveram foram um projeto de descaracterização das autorias femininas. Assim, o processo de recontar uma história reside como força reparadora, e, através dessa força podemos recuperar âncoras que nos sustentem na criação de uma consciência feminista.

Ler os textos de Firmina é a possibilidade de conhecer o mundo feminino narrado por uma mulher negra, professora e escritora. Dessa forma, é um movimento de mirar no passado a partir de outro prisma, outro ângulo e enxergar saberes que estavam soterrados até muito pouco tempo. Para Moraes Filho “os nossos mortos continuam vivos, quando lhe cultuamos a memória.”³¹. É na memória histórica que Maria Firmina e suas obras encontram a reparação pelos anos de silenciamento e, através disso, continuaremos rememorando pensadoras que contém, através de suas vidas e obras, outra história do Brasil.

FIGURA 2 – Mapa que mostra os lugares de nascimento e falecimento de Maria Firmina – São Luís, MA (1822) e Guimarães, MA (1917).



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do Google Maps, 2025.

³¹ Cf. MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975. p. 2.



Apesar de suas obras potentes e sua atuação variada como professora, musicista, literária, romancista Maria Firmina, caiu no espaço destinado às mulheres: o silêncio. Moraes Filho relembra que “a autora que foi lida e aplaudida no seu tempo, foi como amnésia coletiva totalmente esquecida: nome e obra!”³²

DOS POEMAS AO ÁLBUM – A DOR DAS AUSÊNCIAS

Maria Firmina tem múltiplas faces que estavam silenciadas pela literatura e historiografia tradicional. A escrita se constitui para Maria Firmina, como uma estratégia para organizar tristezas, luto e reconstruir simbolicamente suas ausências.

Ao longo do Álbum, a autora descreve dor por várias perdas que não são somente de mortes, mas de distanciamentos de pessoas que lhe eram queridas. Ela articula com seu memorial íntimo, lembranças que remetem a estados de luto em rememorações suplicantes da dor dessa ausência.

Era o dia 19 de abril, um formoso sol brilhava sobre os campos do céu, e os raios vividos e luzentes aqueciam docemente a ervinha do prado: mas meu coração estava aflito; porque na minha alma havia dor pungente. Minha pobre Avó! Caíste como o cedro da montanha, abalado em seu seio pelo correr dos séculos. Uma lágrima sobre a tua campa! Porque a sua memória será terna em minha alma. Adios, até o dia em que Deus nos houver de reunir para sempre.³³

Maria Firmina reconhece sua própria vulnerabilidade diante da morte, mas também almeja deixar um legado através de suas palavras. Investe na memória como uma forma de preservação, desejando que sua própria história, e a de sua mãe, permaneçam vivas no tempo. A morte da avó materna foi registrada no Álbum, enquanto a morte da mãe, ficou perpetuada em poema. Nos seus poemas, é possível reconhecer a dor da perda de sua mãe que faleceu aos 60 anos de idade no ano de 1866, Firmina tinha então 41 anos. Na dedicatória em seu livro de poesia, datado de 7 de abril de 1871, há um primeiro poema intitulado *Uma lágrima sobre o sepulcro de minha carinhosa mãe*. E a gratidão pelo que essa mãe lhe guiou os passos para o amor às letras. “É a ti que despertaste em meu peito amor à literatura, - e que um dia me disseste: Canta! Eis pois,

³² Cf. MORAIS FILHO, 1975, p. 2.

³³ REIS, Maria Firmina dos. Uma lágrima, Guimarães 19 de abril de 1859. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975. s.p.



minha mãe, o fruto dos meus desvelos para comigo; eis minhas poesias [...]”³⁴.

Segundo Shirley Ferreira, sua poesia é um lamento triste com “[...] dor imensa e o coração despedaçado”³⁵. Chega a comparar o amor filial que nutria por Deus. Também coloca em dúvida a própria fé, ao mesmo tempo em que pede que a perdoe pela fraqueza.

A escrita de Maria Firmina, foi lida e analisada em seus fragmentos, faltas e incompletudes. E desses fragmentos, foram sugeridas perguntas sobre silêncios e faltas pois para a hermenêutica feminista o silêncio e as faltas também importam. Perceber o que não pode ser dito, o que se perdeu ou foi perdido-destruído-apagado-ignorado, é situar o registro histórico, a escrita de um texto como reserva de potência criadora. “Bem, compreendeis o que é um álbum – são as páginas d’alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança – saudade, ou dor, eis o que ele significa.”³⁶

Maria Firmina afirma que seu Álbum é o livro da alma e que nele estampa os mais íntimos sentimentos e pungentes dores do coração. A escrita dessa pensadora não é uma mera expressão literária, mas um processo de materialização dos sentimentos mais profundos, da dor de perdas e da necessidade de reviver e partilhar os afetos mais caros. É nesse movimento que ela encontra a sua voz, um espaço de resistência que por meio da escrita registra e é possível afirmar que analisa suas emoções.

PALAVRAS FINAIS, NÓS ENTRE DUAS AUTORAS

Este ensaio buscou reler, à luz da hermenêutica feminista, fragmentos de vida e escrita de duas autoras brasileiras do século XIX: Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. Ambas desobedeceram às expectativas de gênero de seu tempo, insurgindo-se

³⁴ REIS, Maria Firmina dos. *Cantos à beira-mar e Gupeva*. São Luís: Academia Ludovicense Letras, 2017. p. 29.

³⁵ FERREIRA, Shirley. *Relendo o Álbum de Maria Firmina dos Reis*. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. p. 96.

³⁶ REIS, Maria Firmina dos. Álbum. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975. s.p.; REIS, Maria Firmina dos. [1853-1903]. *Álbum*. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/textos-literarios-em-album/>. Acesso em: 6 jul. 2025. Ver também: DIOGO, Luciana M. Carta à Exma. professora Maria Firmina dos Reis. *Lucía – Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução*, [S.l.], v. 2, p. 5, 2022; FAUSTINO, Leliane. “Autora de Seus Dias”: a Mobilização Crítica de Maria Firmina dos Reis no Romantismo Brasileiro. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 38, p. 150-173, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i38p150-173>; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados (Online)*, v. 33, p. 91-108, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>.



contra os silenciamentos que marcaram e ainda marcam — a experiência histórica das mulheres. Suas escritas íntimas, nas formas de cartas e registros autobiográficos, revelam como o luto, a perda e o amor se inscrevem como forças criadoras e articuladoras de pensamento.

A partir das obras *Itinerários* de uma viagem à Alemanha e alguns poemas e o *Álbum*, exploramos como as narrativas de luto atravessam não apenas o campo afetivo, mas também o político e o pedagógico. Enquanto Nísia, mulher branca que podemos considerar como abastada, por viver de herança, pôde elaborar suas dores em deslocamentos geográficos e intelectuais pela Europa; e Maria Firmina, mulher negra, filha de mãe alforriada, encontrou nas palavras seu espaço de travessia e reinvenção, construindo uma pedagogia da resistência a partir de sua própria memória.

Para Nísia, o luto parece ser sublimado no deslocamento físico (viagens reais com itinerários marcados como espaços de reelaboração). Sua viagem à Alemanha pode ser lida como um luto ativo, onde ela reconfigura sua subjetividade em trânsito, aproveitando privilégios de classe e raça.

Enquanto Maria Firmina recorre ao deslocamento imaginário por meio da literatura. Em *Álbum*, o luto pode ser interpretado como "saudade" ou "melancolia" onde a literatura se torna um espaço para elaborar perdas estruturais (escravidão, exclusão). A viagem "imaginativa" pode ser comparada ao conceito de circunscreve-se como estratégias de fuga simbólica em contextos de opressão.

Isso reflete aspectos demarcados pelas condições materiais: Nísia tinha acesso a viagens internacionais a possibilidade concreta de deslocar-se, enquanto Maria Firmina, em um contexto de escravidão e pós-abolição precária, usou a literatura como escape e resistência. Essas divergências não são meramente factuais, mas reveladoras de como gênero, raça e classe operam nos modos de habitar o sofrimento e a memória de mulheres.

O movimento de adentrar em obras que remetem relatos dessas duas autoras fazendo um movimento de situar e interpretar a escrita íntima delas, é uma tentativa de refletir sobre o que essas duas professoras registravam a partir de sentimentos de perda. Como se movimentaram, o que as alimentou de forças para se confrontarem e transformarem ao longo das suas vidas. É um exercício hermenêutico que possibilita pensar sobre os contrastes estruturais de classe e raça na vida dessas duas professoras.

A hermenêutica feminista, nesse contexto, revelou-se como ferramenta analítica,



como gesto de suspeita e reconstrução. O silêncio, a ausência e os fragmentos — elementos muitas vezes desvalorizados nas leituras tradicionais — tornam-se, aqui, matéria viva de investigação e produção de sentido.

Retomar essas autoras com um olhar hermenêutico feminista nos permite adensar as epistemologias da Educação, reconhecer a força política das subjetividades e pensar outras formas de ensinar outras histórias mais sensíveis, críticas e comprometidas com a reparação de ausências. Ao reivindicar Nísia e Firmina como professoras e pensadoras, reiteramos a necessidade de escrever com elas e não apenas sobre elas, para que suas vozes ecoem nas salas de aula e nos currículos de forma crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy. *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicence de Letras, 2017.

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975. p. I-VIII.

CAMPOI, Isabel Candeloro. O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 196-213, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>.

CRUZ, Marileia dos Santos. Erudição e racismo na trajetória ascendente de uma família negra do Maranhão. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 22, n. 1, p. e211, 01 jul. 2022.

DAVIS, Angela. *Gênero, Classe e Raça*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a bíblia das mulheres editada por Elizabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 1992.

DIOGO, Luciana M. Carta à Exma. professora Maria Firmina dos Reis. *Lucía – Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução*, [S.l.], v. 2, p. 5, 2022.

DONEDA, Perla Cabral Duarte; CARNEIRO, Marcelo da Silva. Bodas de caná: ensaio em perspectiva teológica feminista e de gênero. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 30-48, jul./dez. 2023.

DUARTE, Constância Lima. Narrativas de viagem de Nísia Floresta. *Via Atlântica*, Belo Horizonte, n. 2, p. 58-75, 1999.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1995.



DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. *Revista Estudos Leopoldenses* (atual Educação Unisinos), Série Educação, v. 3, n. 5, p. 19-27, 1999.

EGGERT, Edla. Maria Madalena e a Teologia Feminista na busca da Memória da Tradição/Tradução de nós mesmas. In: SOUSA, Renata Floriano de; VICENTE, Valdemir de Souza; EGGERT, Edla. (Orgs.). *Maria Madalena: múltiplas representações*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020. p. 77-90.

FAUSTINO, Leliane. “Autora de Seus Dias”: a Mobilização Crítica de Maria Firmina dos Reis no Romantismo Brasileiro. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 38, p. 150-173, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i38p150-173>.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Itinerário de uma viajante brasileira na Europa: Nísia Floresta (1810-1885). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, n. 3, p. 22-44, nov. 2016.

FERREIRA, Shirley. *Relendo o Álbum de Maria Firmina dos Reis*. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024.

FLORESTA, Nísia. Itinerário de uma viagem à Alemanha. *Odisseia*, Rio Grande do Norte, v. 8, n. 1, p. 20-25, jan./jun. 2012.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: EDUFRN, 1982 (1856).

FREITAS, Maria Helena de Almeida. Prefácio. In: FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 9-14.

GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. Ed. Tadeu Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nísia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/es/node/77>. Acesso em: 10 abr. 2024.

LEÓN, María Antonia García de. *Cabeza Moderna/Corazón Patriarcal: un diagnóstico social de género*. Prólogo de Celia Amorós. Madrid: Editorial Anthropos, 2011.

LERNER, Gerda. *A criação da consciência feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal*. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2022.



MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados (Online)*, v. 33, p. 91-108, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

REIS, Maria Firmina dos. [1853-1903]. *Álbum*. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/textos-literarios-em-album/>. Acesso em: 6 jul. 2025.

REIS, Maria Firmina dos. *Álbum*. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. *Cantos à beira-mar e Gupeva*. São Luís: Academia Ludovicense Letras, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. Uma lágrima, Guimarães 19 de abril de 1859. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

RICOEUR, Paul. *Do texto a ação*. Ensaios de Hermenêutica II. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Ensaios de Hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma "matrona esclarecida": contradições na Filosofia de Educação nisiana*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Trad. Monika Otterman. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

Recebido em: 08 jul. 2025.

Aceito em: 12 set. 2025.